

**EXPATRIADOS E REFUGIADOS À PROCURA DA SUA IDENTIDADE – O
ROMANCE *ALTES LAND* DE DÖRTE HANSEN**

**DISPOSSESSED AND REFUGEES SEARCHING THEIR IDENTITY – THE
NOVEL *THIS HOUSE IS MINE* FROM DÖRTE HANSEN**

Micaela da Silva Marques Moura¹

CEI-ISCAP-P.PORTO

Resumo:

Neste artigo será feita uma breve análise do romance *Altes Land* da escritora alemã Dörte Hansen, o romance de estreia desta autora e que foi o livro mais vendido na Alemanha, em 2015. Narra a história de duas mulheres, Vera e Anne, de duas gerações muito diferentes, à procura da sua própria identidade no mundo rural.

Palavras-Chave: Mulheres, Alemanha, Migração, Expatriados, Pós-Guerra, Identidade

Abstract:

The present article intends to analyse briefly the novel *This house is mine* from the german writer Dörte Hansen. It was the debut novel of this author and the bestselling book in

¹ Doutorada em Tradução e Paratradução (Tradução Jurídica Alemão – Português). Mestre em Estudos Alemães e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, Variante de Estudos Ingleses e Alemães, Ramo de Tradução de Alemão. Atualmente é Professora Adjunta no ISCAP – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto.

Germany in 2015. It tells the story of two women, Vera and Anne, from two very different generations, searching for their own identity in the rural world.

Key-words: Women, Germany, Migration, Dispossessed, Post War, Identity

“Der Ort meiner Heimat ist die Kindheit,
aber dorthin führt kein Weg zurück.”

Bernhard Schlink

(in: *Schweizer Familie* 20/2018)

As migrações em ou para o território alemão não são exclusivas das últimas décadas. O livro que proponho aqui brevemente analisar referencia as consequências precisamente do que foi, até hoje, o período com mais migrantes na Alemanha e que parece ser um tema votado ao esquecimento (Fabritius, 2020, 34). Refiro-me à expulsão de 14 milhões de alemães (Kossert, 2008: 9) - sobretudo mulheres, crianças e idosos - que, entre 1945 e 1949, fugiram das regiões do Leste alemão, depois do final da Segunda Guerra Mundial, quando a Alemanha perdeu um terço² do seu território (Kossert, 2008: 9). Dos referidos 14 milhões de alemães, cerca 2 milhões morreram durante a fuga e a expulsão e os restantes encontravam-se, em 1945, sem *Heimat* (sem pátria) [Kossert, 2008: 10]. Julgavam todos que se tratava de uma situação passageira e que iriam voltar à sua pátria depois do conflito (Kossert, 2008: 28).

Esta temática da fuga e/ou expulsão das regiões do Leste alemão e as suas consequências tem vindo a ser tratado em algumas obras literárias, como exemplo *Der Velorene* de Hans-Ulrich Treichel (1998), *Alles Umsonst* de Walter Kempowski (2006) e *Und alles neu macht der Mai* de Klaus Kordon (2021). Porém foi o romance *A Passo de Caranguejo* (2002) do escritor alemão nobelizado Günter Grass, que conseguiu dar maior projeção ao tema.

Apesar de haver um certo desconhecimento generalizado sobre o significado e a magnitude deste momento da história alemã existe subliminarmente ainda a lembrança dessa época, como comprova o sucesso do romance *Altes Land*³ de Dörte Hansen (cf. o

² Alemanha perdeu a Leste as regiões da Silésia, Pomerânia, Prússia de Leste e Oeste, fazendo com que Berlin, nessa altura, se situasse sensivelmente no centro da Alemanha (Kossert, 2008: 17).

³ Este romance vai ser abreviado neste artigo por AL.

historiador Andreas Kossert in: Klußmann, 2018). Em 2015 foi o livro mais vendido na Alemanha e que se manteve várias semanas no primeiro lugar de vendas (Laude, 2020).

O romance de Dörte Hansen *Altes Land*⁴ centra-se no destino de duas mulheres. Por um lado, Vera, que, em 1945, ainda criança chega com a sua mãe Hildegard von Kamcke, à região de *Alten Land*, perto de Hamburgo, refugiadas da Prússia de Leste e ambas encontram abrigo na quinta da agricultora Ida Eckhoff. Apesar de após a morte de Ida, Vera herdar a grande e antiga quinta, esta decide ir para a cidade estudar medicina dentária e passa os seus estudos com distinção. Depois regressa à quinta e trabalha na aldeia como dentista. No entanto, ela será sempre a criança polaca - a estranha -, mais temida do que apreciada pelos aldeões devido à sua maneira obstinada e rudimentar.

Por outro lado, e 60 anos tarde, surge a segundo protagonista, Anna, sobrinha de Vera. Anna, uma música malsucedida que até então tinha vivido no distrito moderno de Ottensen, em Hamburgo, procura abrigo na quinta de Vera, depois de se separar do seu marido, juntamente com o seu jovem filho Leon. Anne já não suporta a sua vida anterior e tenta adaptar-se à nova vida, o que inicialmente não é fácil. Mesmo que o romance dê inicialmente a impressão de que duas existências falhadas se encontram aqui, que têm pouco a dizer uma à outra e que sentem que não pertencem a lado nenhum, as mulheres têm mais em comum do que inicialmente suspeitavam. Ambas, estão a lutar com o seu passado e a procurar a sua identidade, cada uma à sua maneira.

Apesar de na capa constar a informação que se trata de um romance (*Roman*) esta obra surge, por vezes, classificada como um *Frauenroman* (romance de/sobre mulheres) [cf. Porombka, 2015] ou um *Heimatroman*⁵ (tradução literal *romance de pátria*) [cf. Berg, 2016]⁶.

O género *Frauenroman*, por um lado, é caracterizado como tendo no centro personagens femininas e tratando realidades femininas (Burdorf et al., 2007: 251) e, por outro lado, inclui todo tipo de género literário escrito por mulheres (Burdorf et al., 2007: 252). A narrativa aqui em análise historia a vida de duas mulheres – Vera e Anna, e o

⁴ *Alten Land* é uma região na Alemanha que fica perto de Hamburgo, junto ao rio Elba, conhecida pelos seus pomares.

⁵ Frequentemente traduzido para português por *romance regional*.

⁶ Moser e Schneider (2021: 344) explicam que o romance *Altes Land* e outros semelhantes são muitas vezes classificados como *Heimatromane*, mas, contudo, apresentam também elementos dos *Großstadtromane* (romances da cidade ou urbano).

livro foi escrito por uma autora alemã: Dörte Hansen (1964), jornalista e escritora alemã, que nasceu e vive no Norte da Alemanha. Publicou até à data três romances⁷.

O género *Heimatroman* é um subgénero da literatura trivial (cf. Nusser: 1991: 86; Szendi, 2006: 162) e a palavra alemã *Heimat* é comumente traduzido por pátria ou terra natal⁸. O termo *Heimat* é considerado quase por unanimidade como sendo um fenómeno específico e alemão, que não possui correspondente direto em outras culturas (Groten, 2017: 663). Não tendo uma tradução para outras línguas, na língua alemã significa local onde alguém cresceu e se sente em casa. Como já referido pode ser traduzido para português por pátria, terra natal ou lar, mas significa muito mais que isso (Scholz, 2018). Bernd Fabritius descreve-o como sendo:

Heimat ist das Geflecht aus Menschen, Plätzen, Orten, Traditionen, Erlebnissen und Gefühlen, in dem wir uns in unserer eigenen Identität am richtigen Platz fühlen. Heimat ist in der vertrauten Kulturgemeinschaft und der Geborgenheit eines räumlichen Umfelds, auf das unser Wert- und Lebenskompass ab dem Tag der Geburt geeicht ist. Und nicht zuletzt ist Heimat die nicht zu hingefragende Selbstverständlichkeit dessen, was wir als unser Selbst- und Kollektivverständnis empfinden.

(2020: 31)

O *Heimatroman* surge, no espaço alemão, sobretudo a partir de meados do século XIX, e caracteriza-se pela narrativa que tem lugar na província e a glorificação da vida no campo em contraste com a vida na cidade. Para os habitantes das regiões descritas neste género literário esta é a sua *Heimat*, que contrasta com o que é desconhecido e o que é estranho, normalmente associado à vida na cidade, que na perspectiva deste género literário destrói a ordem e condena o ser humano a uma existência anónima e desenraizada (Buddecke/Hienger, 1988: 127). Fazendo parte da literatura trivial, como já vimos anteriormente, o objetivo principal deste tipo de romance é de oferecer aos seus leitores uma possibilidade de fuga do mundo quotidiano com *Happy-End* (Brandt, 2007: 17/18).

O dicotomia mundo rural/mundo urbano é tematizado no romance em análise. Anna não é a única que foge para o mundo rural. Também o casal Eva e Burkhard Weißwerth optam por viver no campo, vindo da cidade de Hamburgo. Burkhard continua a sua atividade de jornalista e Eva dedica-se a manufaturar e vender produtos biológicos feitos

⁷ A saber: *Altes Land* (2015), *Mittagsstunde* (2015) e *Zur See* (2022).

⁸ Cf. <https://pt.pons.com/tradu%C3%A7%C3%A3o/alem%C3%A3o-portugu%C3%AAs/Heimat>

com a fruta local. Todavia, as expectativas deste casal, depois de um ano, foram goradas: “Burkhard Weißwerth war enttäuscht, vor allem menschlich, er war hier offen auf die Leute zugegangen, sie hatten ihm nicht gedankt.” (AL, 2015: 191).

Também as vidas de outras personagens são relatadas, mostrando que a vida rural nem sempre é idílica. Esta característica releva que, por vezes, *Heimatromane* apresentam também alguns traços do *Anti-Heimatroman* (anti romance da pátria), pois opõem-se explicitamente a algo que, por norma, é vista como “boa”, que pode ser a *Heimat* e/ou a vida no campo [Weiland, 2020: 327].

É o caso do agrónomo diplomado Dirk zum Felde, lavrador de corpo e alma, que utiliza técnicas agrícolas modernas e despreza pessoas como Eva e Burkhard, que se mudam para o campo à procura de uma vida idílica. Ou do lavrador Hajo Dührkopp, que aposta no turismo e encena na sua quinta o trabalhador rural, com muito sucesso, mas na realidade já nada produz. Compra a fruta aos seus vizinhos agricultores e vende compotas compradas no supermercado, como sendo da sua produção caseiro, substituindo simplesmente a etiqueta dos frascos. Ou ainda Kai Düwer que optou por arrendar as suas terras e transformar o armazém frigorífico em apartamentos de férias. Trabalha agora de segunda-feira a sexta-feira numa cooperativa de bancos. Também o vizinho e amigo de Vera, Heinrich Lührs (Hinni), é exemplo de que a vida na aldeia não é idílica. Toda a sua vida foi pautada por regras e muito rigor e no final da vida encontra-se só.

Ao contrário destas personagens, a fuga de Vera e Anne para o campo aconteceu por razões distintas. Vera chegou aos 5 anos, em 1945, ao *Alten Land* como expatriada, vinda da Leste da Prússia. Desde então aceitou ficar na quinta de Ida Eckhoff, mas não consegue criar raízes e sente-se desde então uma estranha:

Sie war auf Ida Eckhoffs gespült worden, wie ein Ertrinkender auf eine Insel. Um sie herum war immer noch das Meer, und Vera hatte Angst vor diesem Wasser. Sie musste bleiben auf dieser Insel, auf diesem Hof, wo sie zwar keine Wurzeln schlagen konnte, aber doch festwachsen an den Steinen, wie eine Flechte oder ein Moos.

(AL, 2015: 30)

Pois a Prússia de Leste será sempre a sua *Heimat*: “Was konnten die Menschen, die ihre Fachwerkdörfer nie verlassen mussten, den wissen von den verlausten Fremden?” (AL, 2015: 161). No entanto do seu país de origem, Vera apenas possui recordações da fuga e da chegada a um local estranho:

Vera wusste plötzlich wieder, wie sich das anfühlte: in fünf Lagen Kleidung verpackt vor diesem Haus zu stehen, das keine Fremden mochte. Weggejagt oder weggerannt, Bollerwagen oder Kleintransporter, das machte keinen großen Unterschied.

Als sie durch die Diele ging, um die große Tür zu öffnen sah sie Ida Eckhoff vor sich. Ihr wütendes Gesicht am Tag, als die Pollacken kamen.

(AL, 2015: 66)

Na região do *Alten Land* e ao longo de toda a sua vida sempre se sentiu uma estranha. Como explica Bernd Fabritius - presidente da associação dos expatriados - a perda da *Heimat* é o motivo central dos expatriados e que percorre as suas vidas como um fio vermelho:

Und sie wollen aus ihrer Heimat auch nicht vertrieben werden. Weder physisch noch im Geiste. Millionen Deutsche mussten im 20. Jahrhundert am eigenen Leib Heimatverlust erfahren. Dieser Verlust ist das zentrale Motiv, das sich wie ein roter Faden durch das gesamte Leben der Betroffenen zieht.

(Fabritius, 2020: 34)

Como vimos pelo enredo deste romance, toda a vida de Vera é pautada pelo facto de ser expatriada.

Os refugiados das regiões do Leste da Alemanha não eram bem-vindos pelos habitantes locais, que eram forçados a dar-lhes abrigo nas suas casas (*Zwangseinquartierung*), pois poucos queriam voluntariamente ficar com eles. Sofriam frequentemente insultos racistas e xenófobos (Kossert, 2016). Também em *Altes Land*, Vera é oprimida, sendo apelidada de “Polackenkind” (AL, 2015: 9), “Polackenbalg” (AL, 2015: 25), “Flüchtlingskind” (AL, 2015: 24) e “Flüchtling” (AL, 2015: 27).

Este tema remete diretamente para a problemática da integração. O historiador Andreas Kossert associa a palavra integração (*Integration*) ao termo alemão *Ankommen* (*chegar* em tradução literal para português):

Die Frage ist schon mal, was Ankommen und auch Integration überhaupt bedeuten. Wir beurteilen das ja meist nach materiellen Kriterien – etwa ob jemand einen Job findet, eine Wohnung mieten kann oder ein Haus baut oder dann auch in der Lage ist, hin und

wieder in den Urlaub zu fahren. Das allein reicht aber nicht, ein Flüchtling hat noch anderes zu bewältigen. Immerhin musste er gezwungenermaßen sein ganzes Leben zurücklassen. In der Fremde anzukommen passiert nicht automatisch, sondern ist ein langwieriger und schwieriger Prozess mit offenem Ausgang.
(Wiederschein, 2020)

Para este estudioso, portanto, a integração é muito mais do que viver e trabalhar num país de acolhimento. É um processo demorado, que pode ser bem-sucedido ou não, pois há refugiados que nunca se integram. Acrescenta ainda que, por vezes, mesmo os descendentes destes – filhos e netos – se ocupam da história da sua família e do significado da perda da *Heimat*. Anos passados os refugiados e as suas famílias fazem viagens à *Heimat* perdida⁹ ou procuram peças herdadas dos seus antepassados, pois permite-lhes estabelecer uma ligação com os seus antepassados e fortalecer assim a sua própria identidade (Wiederschein, 2020). Encontramos exemplos desta realidade também no romance *Altes Land*. Vera que guarda o colar de âmbar que era da avó materna do Leste da Prússia (AL, 2015: 23). E Marlene, meia-irmã de Vera, que já nasceu em Hamburgo depois da Segunda Guerra Mundial e que faz, em conjunto com Anne, uma visita à *Heimat* perdida (AL, 2015: 183-188).

A mudança de Anne e Leon para a região do *Alten Land* é a força impulsionadora de todo o romance (Dickens, 2020: 58). A autora, Dörte Hansen, narra a vida de ambas as protagonistas, Vera e Anne, em paralelo, até às suas biografias se cruzarem.

Como já mencionei anteriormente, Anne vive em Ottensen (Hamburgo) como se fosse uma estranha:

Anne sah die anderen im Stechschritt an sich vorbeimarschieren, eine Zeitlang war sie noch mitgerannt zu den Peking- und Krabbel- und Babyschwimmterminen, aber sie fühlte sich in diesen Gruppen so fremd und fehl am Platz wie eine Atheistin im Gebetkreis.”
(AL, 2015: 48/49)

Também não sente que tenha conseguida criar uma família verdadeira com Christoph, que parece estar sempre alheado de tudo:

⁹ Na Alemanha existe o setor do “Heimweh-Tourismus” (tradução literal *turismo da saudade*), que organiza viagens para os expatriados visitarem o seu local de origem.

Christoph lebte mit ihnen wie ein gut gelaunter Gast, es schien ihm nie ganz klar zu sein, dass er dazugehörte, dass ihn diese Familienleben tatsächlich was anging.

(AL, 2015: 49)

E sente-se feliz por deixar a cidade e iniciar uma nova vida no campo:

Sie war jetzt froh, dass es zu Ende war. Dass sie rauskamen aus dieser Wohnung, aus der Stadt, (...). Sie würde über Felder gehen. Das Weite suchen.

(AL, 2015: 55)

Refira-se ainda também que a casa – do estilo *Fachwerkhaus*¹⁰ - onde ambas habitam e que fica na quinta que Vera herdou de Ida Eckhoff, funciona como elemento unificador entre Vera e Anne. É nela que ambas encontram um abrigo, depois da sua fuga: Vera em conjunto com a sua mãe Hildegard von Kamcke e Anne com o seu filho Leon.

Durante a noite Vera julga ouvir os sons e as vozes de gerações que já viveram dentro das suas paredes e não a deixam dormir: “Die Vergessenen, was wollten sie von ihr nach all den Jahren.” (AL, 2015: 154). Por isso deixa as luzes da casa acesas e o radio ligado: “Sie ließ die Lichter an, das Radio, sie tat, als hörte es diesmal gar nicht, das Flüstern, Wimmern, Tanzen, die Schritte der Vergessenen in ihrer Diele.” (AL, 2015: 154).

Altes Land de Dörte Hansen narra a história de duas mulheres de gerações diferentes que são arrancadas das suas vidas anteriores por razões distintas e que ousam iniciar uma nova vida num local estranho. Todavia, e como também vimos, não é apenas Anne que procura a vida no campo, também outros o fazem, revelando que mesmo a vida no campo nem é sempre idílica. Ao contrário das personagens que acabei de referir e a quem a vida rural não é muito favorável, Vera e Anne encontram no *Alten Land* uma vida simples e autodeterminada na solidão do mundo rural. A procura da sua identidade e o sentimento de pertença a determinado local está concluída no final do romance, quando Vera afirma: “Da werde ich liegen, und das hab ich schriftlich. Gut zu wissen, wo man hingehört.” (AL, 2015: 168).

No último capítulo do romance, com a casa em plena renovação - que podemos interpretar também como a renovação da vida de Vera – ela analisa e reflete sobre a sua vida, fazendo as pazes consigo mesmo e também com a casa. Consegue finalmente dormir

¹⁰ Trata-se de uma casa típica do *Alten Land*, com telhado em sapé.

sossegada. Um final que vai ao encontro do *Happy-End*, anteriormente mencionado. Também o amigo e vizinho, Hinni, está transformado, pois, conclui que a vida com regras rígidas, tal como a sua foi, apenas lhe trouxe solidão:

Sie hatten mit dem Haus auch Heinrich renoviert, (...)

Er spielte Skat mit ihnen bis tief in die Nacht und stellte sich am nächsten Morgen nicht den Wecker, er brach auf einmal seine eigenen Gesetze. Vielleicht spürte Heinrich Lührs, das er den Knecht gewesen war und nicht der Herr in seinem Leben, und dass die strengen Regeln nicht viel taugten.

Vera hatte nie das Richtige getan, und für sie schien trotzdem alles gut zu werden.

(AL, 2015: 195)

Bibliografia:

Berg, C. (2016), “Versöhnliches über Flucht, Sinnkrise und Eingemachtes Dörte Hansens ‘Altes Land’“, in: Literaturkritik Nr. 3, in: <https://literaturkritik.de/id/21715>.

Brandt, D. (2007), *Der deutsche Zukunftsroman 1918-1945*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

Buddecke, W. / Hienger, J., “Genre und Medium. Überlegungen zu Formen populärer Unterhaltung in Literatur und Film”, in: G.P. Knapp/ G. Labrousse, (Ed.) [1988], *Wandlungen des Literaturbegriffs in den deutschsprachigen Ländern seit 1945*, Amsterdamer Beiträge zur Neueren Germanistik Band 27, Amsterdam: Rodopi.

Burdorf, D./ Fasbender C./ Moennighoff, B, (2007), *Metzler Lexikon Literatur – Begriffe und Definitionen*, Stuttgart/ Weimar: J.G. Metzler Verlag.

Dickens, R. (2020), “Raus aufs Dorf – Über die Darstellung von Rückzug und Neuanfang in drei ausgewählten Dorfromanen der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur”, in: Kairoer Germanistische Studien, Volume 24, Issue 24, pp. 55-71, DOI: 10.21608/kgs.2020.243230.

Fabritius, Bernd (2020), “Das Schicksal der deutschen Heimatvertriebenen – Als Millionen Deutsche ihre Heimat verloren”, in: *Heimat – Mehr als nur ein Ort*, Politische Studien – Magazin für Politik und Gesellschaft 493, pp. 31-39.

Groten, Manfred (2017), “Heimat”, in: *Bonner Enzyklopädie der Globalität*, Band 1 und 2, L. Kühnhardt/ T. Mayer (Ed.), Wiesbaden: Springer VS, pp. 663-669.

Hansen, D. (2015), *Altes Land*, München: Albrecht Knaus Verlag.

Klußmann, U. (2018), “Historiker über deutsche Flüchtlinge nach 1945 – Verlust, zerlumpt – damit entsprachen sie dem Klischee”, in: <https://www.spiegel.de/spiegelgeschichte/deutsche-fluechtlinge-nach-1945-ignoranz-und-fremdenfeindlichkeit-a-1190780.html>

Kossert, A. (2008), *Kalte Heimat – Die Geschichte der deutschen Vertriebenen nach 1945*, München: Siedler Verlag.

Kossert, A. (2016), “Wann ist man angekommen? Flüchtlinge und Vertriebene im Nachkriegsdeutschland”, in: <https://www.bpb.de/themen/deutschlandarchiv/238108/wann-ist-man-angekommen>.

Laude, B. (2020), “Ein Roman hat das Alte Land wachgeküsst”, in: <https://www.welt.de/reise/deutschland/article220051516/Bei-Hamburg-Ein-Roman-hat-das-Alte-Land-wachgekuesst.html>.

Moser, N. / Schneider, U. (2021), “Dorf/Stadt erzählen in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur”, in: *Gutes Leben auf dem Land? – Imaginationen und Projektionen vom 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart*, W. Nell/ M. Weiland (Ed.), Bielefeld: Transcript Verlag, pp. 341-365.

Nusser, P. (1991), *Trivialliteratur*, Stuttgart: Metzler.

Porombka, W. (2015), “Deutschland, deine Frauen”, in: <https://www.zeit.de/kultur/literatur/2015-07/alt-land-bestsellerkolumne>.

Scholz, K.-A. (2018), “‘Heimat’ e os seus vários significados”, in: <https://www.dw.com/pt-br/heimat-e-seus-v%C3%A1rios-significados/a-42590724>.

Szendi, Z. (Ed.) [2006], *Einführung in die Trivialliteratur*, Pécs: Pécsi Tudományegyetem.

Wiederschein, H. (2020), “Angefeindet und verstoßen: Aus Heimat vertrieben: Historiker erklärt Leid, das jeder Flüchtling in sich trägt”, in: https://www.focus.de/wissen/mensch/geschichte/historiker-ueber-fluechtlinge-muessen-ihr-ganzes-leben-zuruecklassen-was-flucht-und-vertreibung-wirklich-bedeutend_id_12665280.html.

Weiland, M. (2020), “Böse Bücher aus der Provinz. Der Anti-Heimatroman und das aktuelle Erzählen über Land”, in: *Zeitschrift für Germanistik, Neue Folgen XXX*, H.2, Bern: Peter Lang, pp. 326-344.